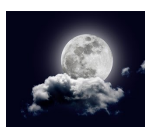


“**Felizmente Há Luar!**”, de Luís de Sttau Monteiro, é uma "trágica apoteose" da história do movimento liberal oitocentista, interpretando as condições da sociedade portuguesa no início do século XIX e a revolta dos mais esclarecidos, muitas vezes organizados em sociedades secretas, contra o poder absolutista e tirânico dos governadores e do generalíssimo Beresford. Como afirma Luciana Stegagno Picchio, é retratada a conspiração, encabeçada por Gomes Freire de Andrade, que se manifestava contrária à presença inglesa ("Manuel – Vê-se a gente livre dos Franceses e zás!, cai na mão dos Ingleses!"), na pessoa de Beresford, e à ausência da corte no Brasil. Coloca-se em destaque a situação do povo oprimido, as Invasões Francesas, a "proteção" britânica, iniciada após a retirada do rei D. João VI para o Brasil, e a falta de perspectivas para o futuro. Para que o movimento liberal se concretize, é necessária a morte de Gomes Freire, dos seus companheiros e também de muitos outros portugueses, que em nome dos seus ideais são sacrificados pela pátria. Por isso, as suas mortes, em vez de amedrontar, tornam-se num estímulo. A fogueira acesa na noite para queimar Gomes Freire, que os governadores querem que seja dissuasora, torna-se na luz para que os oprimidos e injustiçados lutem pela liberdade. Na altura da execução, as últimas palavras de Matilde, "companheira de todas as horas" do general Gomes Freire, são de coragem e estímulo para que o Povo se revolte contra a tirania dos governantes: ("Matilde – Olhem bem! Limpem os olhos no clarão daquela fogueira e abram as almas ao que ela nos ensina! / Até a noite foi feita para que a vísseis até ao fim.../ (Pausa) Felizmente – felizmente há luar!").

De realçar que a peça termina ao som de fanfarra ("Ouve-se ao longe uma fanfarronada que vai num crescendo de intensidade até cair o pano.") e a luz apaga-se ("Desaparece o clarão da fogueira."); no entanto, a escuridão não é total, porque "Felizmente há luar!"



LEITURAS QUE UNEM “À Sombra das Palavras”

Nós e a liberdade

*“Cortam-se as árvores para não
fazerem sombra aos arbustos”*

17 de maio |

das 15h00 às 16h00

Objetivos

- Partilhar a leitura da obra “Felizmente Há Luar!”, de Luís de Sttau Monteiro ;
- Dar a conhecer o paralelismo histórico da obra e a sua intencionalidade comunicativa;
- (Re)colher experiências vividas;
- Refletir sobre a experiência do passado em confronto com os nossos dias.

Sinopse

Esta sessão será realizada em torno do conceito de liberdade. Este é, de facto, um tema que pode ser muito interessante no encontro de gerações. Os momentos de partilha que sugerimos têm em vista a troca de experiências e saberes dos adultos com os jovens.

A obra “Felizmente Há Luar!” tem como cenário o ambiente político dos inícios do século XIX: em 1817, uma conspiração, encabeçada por Gomes Freire de Andrade, que pretendia o regresso do Brasil do rei D. João VI e que se manifestava contrária à presença inglesa, foi descoberta e reprimida com muita severidade: os conspiradores, acusados de traição à pátria, foram queimados publicamente e Lisboa foi convidada a assistir. O recurso à distanciação histórica e à descrição das injustiças praticadas no século XIX permitiram ao autor colocar também em destaque as injustiças do seu tempo e a necessidade de lutar pela liberdade, na época em que escreve a obra (em 1961, precisamente sob a ditadura de Salazar).

Recursos

- Livro “Felizmente Há Luar!”, de Luís de Sttau Monteiro
- Folhas A3
- Material de escrita
- Excertos da obra
- Cérebros pensantes e memórias afinadas
- Disponibilidade ☺👤 - Tempo ⌚

Atividade

O que é a liberdade?

Palavras para a liberdade

Nomes

Verbos

Adjetivos

Excertos (lidos)

“Que posso eu fazer? Sim: que posso eu fazer?”

“Sempre que há uma esperança os tambores abafam-lhe a voz...

E ficamos pior do que estávamos... Se tínhamos fome e esperança, ficamos só com fome... Se, durante uns tempos, acreditámos em nós próprios, voltamos a não acreditar em nada...”

“E enquanto eles andam para trás e para a frente, para a esquerda e para a direita, nós não passamos do mesmo sítio!”

“Não seria mais humano, mais honesto, ensiná-los, de pequeninos, a viverem em paz com a hipocrisia do mundo?

Mas não pode ser e, agora, estou sozinha. Sozinha e rodeada de inimigos numa terra hostil a tudo o que é grande, numa terra onde só cortam as árvores para que não façam sombra aos arbustos...”

“Que posso eu fazer? Sim: que posso eu fazer?”

Sons da liberdade



Visite-nos em

<http://bbrotero.blogspot.com>

<http://sombrapalavras.brotero.pt/>